

Relato de humilhação nas dependências da Clínica DELFIN

Companheiros,

Espero que a humilhação que sofri nas dependências da Clínica DELFIN ocorrida em 18 de Maio de 2010, não se repita com mais ninguém. Por isso, peço que repassem este relato para o maior número de pessoas possíveis.

Meu nome é Evaldira Bahia, sou negra, brasileira, natural de Salvador/BA, 36 anos, Administradora e atualmente trabalho na área de telecomunicações. O médico que me atende há 17 anos solicitou tirar um RAIIO-X do crânio e orientou-me executar o procedimento na Clínica DELFIN localizada na Av. Antônio Carlos Magalhães, 442 , Bairro Itaigara, Salvador/BA. Cheguei ao local às 16h20min com todos os protocolos solicitados pela clinica no que tange a documentação. Por volta de 17h, o Técnico em Radiologia chamou-me para realizar o procedimento, na ocasião perguntou se eu estava com alguma presilha no cabelo e diante da negativa, o exame foi realizado. Ao sair da sala, o responsável pelo procedimento informou que antes da minha liberação deveria aguardar na recepção enquanto verificaria se o raio-x estava válida para posterior emissão do laudo médico. Aguardei, aproximadamente, 25 minutos e entre idas e vindas do funcionário, enfim fui convidada a acompanhá-lo, pois houve a necessidade de conversar com o médico que assinaria o laudo. Estranho a situação, pois o resultado do exame apenas sairia com 24 horas, contudo o acompanhei.

Deparei-me numa saleta. A porta encontrava-se aberta e na sua dependência estava um Senhor trajando camisa cor de rosa, sentado de costas para a porta. Ao entrar na sala, não fui cumprimentada quando o profissional de saúde inclinou-se, confirmou o meu nome e de forma sarcástica fez o seguinte questionamento:

- A Senhora veio tirar raio-x do crânio ou das tranças?!

Meio atônita, disse que não havia compreendido o questionamento e sem nenhum acanhamento ele repetiu a mesma pergunta depreciativa e logo em seguida afirmou que não tinha como emitir um laudo das tranças e para finalizar complementou que não poderia emitir o laudo “disso...”.

Diante das circunstâncias, fiquei constrangida e logo após o insulto percebi que o Técnico em Radiologia se retirou da sala. Naquele momento me senti completamente ultrajada, diminuída, ofendida pela forma que este profissional estava se reportando a minha pessoa. Naquele momento, a vontade de sair daquele lugar era tamanha. Lugar aonde não pudessem me ver chorar, contudo a razão falou mais alto, controlei a emoção e questionei :

- Doutor qual é mesmo o seu nome? Pois, o Senhor não se identificou.

Ele respondeu:

- José Sarmiento.

Após saber seu nome indaguei:

- Dr. José, o Senhor percebeu que está fazendo um comentário etnocêntrico da minha pessoa?!

Neste momento, ele percebeu o agravo que havia cometido e defendeu-se dizendo que “entendi mal”. Retruquei, pois já havia sido insultada e indignada afirmei que não estava acostumada a ser tratada de tal forma. Inclusive informei que costumava procurar o Hospital Português ou Espanhol para realização de procedimentos médicos, mas por indicação do meu médico de confiança procurei a Clínica DELFIM onde tive o desprazer de ouvir aquele ultraje.

Depois deste fato, a postura antes incisiva e sarcástica tornou-se mais amena seguida do pedido de desculpas e convite a sentar-me. Logo pensei, antes do insulto não houve esse gesto de cordialidade, por isso recusei e questionei sobre o laudo contendo a formalização do que havia verbalizado ao me questionar se teria ido tirar raio-x do crânio ou das tranças. Ainda indignada, complementei com um timbre de voz baixo que era formada em Administração de Empresas e desconhecia as práticas de medicina e o procedimento de radiologia. Ressaltei que neste caso, a clínica deveria me orientar quanto ao procedimento antes de me submeter a tal constrangimento. Envergonhada e desacreditada do profissional me retirei da sala em direção à recepção onde solicitei o cancelamento do exame e a presença da Administração.

A recepcionista percebeu o meu nervosismo e chamou a Supervisão que, por sua vez, foi cortês. Informou compreender a situação e disse levaria o caso a Coordenação. Logo em seguida me conduziu ao Térreo, pois outra médica conversaria comigo e explicaria a situação.

Esta, por sua vez, tentou explicar o ocorrido. Senti muita cautela ao usar as palavras e por fim, emitiu o laudo. Fui liberada às 18h56min e para minha surpresa constatei que a Dr^a. Clarissa tinha o mesmo sobrenome do médico que havia me destrutado me levando a crer num possível grau de parentesco.

Os profissionais que me atenderem após o episódio foram atenciosos e pediram desculpas, entretanto nada repara o constrangimento que passei na Clínica DELFIN em 18 de Maio de 2010, pois o fato de usar tranças afro com aplique não possibilita ninguém o direito de ridicularizar e discriminar outrem.

Segue anexo laudo e atestado de comparecimento.

Salvador, 20 de Maio de 2010

Atenciosamente,

Evaldira Ieda Bahia